

26 de maio de 1949

MEIO DE SEMANA

O duplo gesto no ar, com ambas as mãos num largo parêntesis, meu amigo escritor revelou como desejava que fosse sua vida. Um esforço que no final se fechasse sobre si mesmo, como a linha de uma circunferência, completando o desenho da existência. O trabalho começando cedo, prosseguindo pelos anos afora, num mesmo esforço de todos os dias, num ritmo parelho e fecundo de criação. Ao longo da vida essa atitude saudável de cumprir um programa, enriquecendo cada hora que passa com uma dádiva de si mesmo, com um pouco da alegria do esforço dos que acreditam no que fazem, não pela sua excelência, mas principalmente porque o trabalho nesse particular representa a tomada de realidade das forças espirituais de uma vocação. E depois, quando viesse o tempo de ser proferida em silêncio a palavra *finalmente*, quando a vida fosse se fechando como estranha larva que voltasse ao seu casulo, numa inversão aparente das leis da criação, depois restaria a imensa alegria, para os olhos e para o coração, que ambos vêem na escala do tempo as estátuas que nossas mãos formaram, as formas que saíram do nosso esforço e talvez ainda permaneçam com uma aparência de vida, embora já divorciadas do espírito que as gerou. Justamente nesse depois, o escritor, que trabalhou durante toda vida ativa, poderá se contemplar a si mesmo, não numa atitude de narcisismo crepuscular, mas filosoficamente meditando sobre a insignificância de nossas vidas e a saborosa fonte de consolação que reside em nosso egoísmo. Egoísmo de sentir que se fez alguma coisa diferente dos demais, fraco consolo para quem já vai desaparecer na misteriosa noite, mas sempre alegria para iluminar as últimas horas de uma existência que se fecha como a circunferência entre as linhas traçadas pelo gesto daquele escritor a que me referi no início, desenho subjetivo da vida desejada.

Estava pensando em Maeterlinck ao escrever este palmo semanal de crônica. Esse Maeterlinck que nos encantou a juventude com a força inesperada

de seus poemas, a novidade de seu teatro, a fascinação que sobre nós exerciam seus ensaios de vulgarização dos mais altos problemas da vida, tão do agrado da gente naquele tempo dos vagares infinitos que se acabaram para sempre. Esse mesmo Maeterlinck que já estava morto para tanta gente há muito tempo, tantos foram os longos anos que ainda viveu para além dos limites da existência normal, como decerto pensavam esses que já o faziam ausente do mundo há talvez vários decênios...

Pois esse escritor universal realizou aquilo que constitui o ideal dos que desejam fechar o ciclo da existência de criadores, e poder contemplar no fim o espetáculo total da própria obra. Ele não sobreviveu aos seus livros, por que continuava na fidelidade de seu público. Mas já perto dos noventa anos, sem escrever mais, teve o doce consolo de se sentir na totalidade realizada de seu ideal. Há muitos que se contemplava, que vivia pela recordação, que decerto não cessava de dar balanço no que conseguira fazer, numa obsessão crepuscular, como aquele amigo escritor que abria os braços num parêntesis para nele idealizar a própria vida, impressa e divulgada, vitoriosa na alegria da realização, murcha depois, onde final ocaso, consolo e triste lado de lá da esperança...